



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à revista Time, dos EUA**

**Palácio do Planalto, 08 de setembro de 2008**

**Jornalista:** Senhor Presidente, por que sua Presidência é um sucesso tão extraordinário?

**Presidente:** Eu acredito que o sucesso do nosso governo está ligado ao que fizemos nesses seis anos. Primeiro, mantendo a estabilidade neste país; segundo, controlando a inflação; terceiro, diversificando as nossas exportações, não apenas em produtos, mas também entre regiões; quarto, aumento do poder aquisitivo dos trabalhadores e aumento do salário mínimo; e quinto, uma política de desenvolvimento voltada para o fortalecimento da indústria, em alguns aspectos, tanto da indústria nacional como da indústria naval e da indústria petrolífera.

Tudo isso, combinando o orçamento do PAC – que é o Programa de Aceleração do Crescimento, onde estamos investindo R\$ 504 bilhões até 2010, uma coisa extremamente importante para o nosso país – com uma forte política social, ou seja, crédito. Vou dar apenas um exemplo para você. Em 2003 o Brasil tinha R\$ 370 bilhões de crédito e esse era o crédito de todo o País, disponibilizado. Hoje nós temos R\$ 1 trilhão e 100 bilhões de crédito. Criamos o crédito consignado para favorecer as pessoas mais pobres. Hoje esse crédito está em R\$ 77 bilhões, o que significa aproximadamente US\$ 50 bilhões para empréstimo a aposentados, para quem ganha pouco. Os bancos brasileiros estão emprestando mais dinheiro do que jamais emprestaram em qualquer outro momento da sua vida, tanto para a agricultura familiar, como para o agronegócio. O BNDES saltou de R\$ 48 bilhões que habitualmente financiava, para quase R\$ 100 bilhões que vamos atingir este ano. Penso que é uma



combinação de vários fatores que permitiu que conseguíssemos chegar ao sucesso que estamos colhendo agora.

No Brasil, historicamente, dependíamos muito da relação com os Estados Unidos e com a União Européia. Na hora que diversificamos e priorizamos a nossa relação com a América Latina e a América do Sul, na medida em que priorizamos a nossa relação com o continente africano, com o Oriente Médio, China e Índia, nós hoje não dependemos mais de um bloco ou de outro bloco.

Só para você ter idéia, o nosso fluxo comercial com a China chega a US\$ 35 bilhões. O nosso fluxo comercial com a Argentina, este ano, chegará a US\$ 33 bilhões, só com a Argentina. E com os Estados Unidos nós fizemos, no ano passado, US\$ 43 bilhões de fluxo comercial.

Essa diversificação permitiu que quebrássemos um tabu que existia na economia brasileira. Aqui no Brasil se dizia assim: se o Brasil vai exportar muito, vai sufocar o mercado interno; se o Brasil vai fortalecer o mercado interno, vai sufocar as exportações. Estamos combinando o crescimento das exportações com o crescimento das importações, o crescimento das exportações com o crescimento do mercado interno, e isso tudo permitiu que entrássemos num círculo virtuoso de crescimento econômico. Nós trabalhamos sempre com a idéia do equilíbrio.

Eu digo sempre que em economia não existe mágica. É melhor a gente permitir que as coisas fluam, todo mundo sabendo o que vai acontecer, do que ficar tentando inventar pacotes a cada problema que aparece. Não podemos trabalhar a economia com o nervosismo academicista dos economistas. É preciso que tenha uma seqüência e que todo mundo saiba o que vai acontecer a cada dia, a cada mês, a cada ano, porque isso dá tranquilidade para todo mundo. Isso permitiu que nós pudéssemos colher o que estamos colhendo hoje. Acredito piamente que o Brasil, definitivamente, encontrou o seu caminho.



**Jornalista:** Quer dizer, não manejar a economia como os tecnocratas?

**Presidente:** É não manejar a economia como um tecnocrata. Essa é a verdade. Eu respeito muito os economistas, tenho por eles admiração e respeito, têm nos ajudado muito, ao longo da minha vida, sobretudo, mas governar um país é uma coisa muito mais exigente em termos de praticidade do que em termos de teorismo. Vou dar um exemplo: quando aconteceu a crise do *subprime* nos Estados Unidos todo mundo achava que deveríamos tomar medidas e eu dizia: Não, temos que esperar para ver o que vai acontecer nos Estados Unidos. A crise americana é um problema americano, que eles vão ter que resolver. Obviamente que tenho consciência de que a crise americana causa problemas no mundo inteiro, afinal de contas, é a maior economia do mundo. Se há uma recessão e as importações diminuem nos Estados Unidos, vai gerar problema para todo mundo.

Ao mesmo tempo, tínhamos consciência de que em algum momento os Estados Unidos têm que tomar uma atitude para resolver o seu problema. Afinal de contas, tem eleições, o debate está colocado para a opinião pública, e o governo americano não poderia deixar as grandes empresas quebrarem. Aconteceu, esta semana, de financiar as grandes imobiliárias americanas.

**Jornalista:** Mas os governos da América Latina conseguirão balancear os princípios do mercado e da justiça social? Como o Brasil conseguiu, com tanto sucesso, balancear essas duas coisas?

**Presidente:** Penso que a coisa importante que aconteceu no Brasil é que temos no governo muita gente com origem no movimento social, muita gente que nasceu no movimento social e, portanto, estamos colocando em prática no governo parte das coisas que reivindicávamos quando estávamos do outro lado. Por isso, acreditamos fortemente na tese de que é importante distribuir



renda para crescer, e não esperar crescer para distribuir, como alguns diziam durante décadas. Na hora que se cria o Bolsa Família, começa a aumentar o salário mínimo, começa a aumentar o crédito agrícola, começa a se fazer com que os mais pobres tenham acesso a algum tipo de finança para tocar sua vida. Essas pessoas viram consumidoras e, quando elas viram consumidoras, elas mesmas tocam a economia.

**Jornalista:** Nos Estados Unidos, durante muitos anos, tinha essa coisa que se chamava *trickle-down economics*: corta impostos para os mais ricos, não gasta mais dinheiro e vai cair para os mais pobres. Penso que o senhor fez uma coisa ao contrário: deu mais dinheiro para os mais pobres, que vão gastando cada vez... Todo mundo se beneficia.

**Presidente:** Somos uma sociedade capitalista. Não é possível ser uma sociedade capitalista sem que o povo tenha capital. O pressuposto de desenvolver o mercado interno é garantir que as pessoas tenham acesso a um mínimo necessário. É esse o resultado importante que nós estamos colhendo: uma ascensão extraordinária das classes mais pobres para a classe média baixa. Essas pessoas estão virando consumidoras, as indústrias estão produzindo mais, estão vendendo mais. É tudo o que queremos. Vou dar um exemplo: em dezembro de 2002 a indústria naval brasileira tinha apenas 1.600 trabalhadores. Na década de 70, ela era a segunda indústria naval do mundo, só perdia para o Japão. Começamos a fazer aqui as plataformas, que antes a Petrobras encomendava fora. Começamos a fazer aqui coisas importantes que antes o Brasil importava. E o Brasil importava, por quê? Porque a Petrobras agia apenas enquanto empresa. Do ponto de vista do interesse específico da Petrobras, era melhor comprar este “gravador” nos Estados Unidos, porque saíria US\$ 10 mais barato. Agora, ele sendo produzido aqui, quantos empregos vai gerar? Quantos impostos ele vai gerar para o País? Foi essa lógica que fez



com que nós recuperássemos a indústria naval brasileira, e hoje 75% dos componentes das plataformas brasileiras - que em 2002 diziam que não sabíamos construir - são produzidos no Brasil por engenheiros e operários brasileiros. Já estamos com 40 mil trabalhadores na indústria naval e vamos aproveitar agora essa coisa importante do pré-sal para criar no Brasil uma forte indústria petrolífera, uma forte indústria naval.

**Jornalista:** Como metalúrgico, o que o senhor conhece de política econômica que um economista não conhece?

**Presidente:** Digo sempre que os trabalhadores que vivem de salário são os mais importantes economistas do mundo, sobretudo a dona-de-casa. Ela se transforma em uma grande economista porque tem que pegar o salário do marido e precisa, primeiro, pagar suas dívidas, prestação de casa ou aluguel, conta de luz, conta de água, as coisas que tem que pagar de escola. Se sobra, ela vai definir o que é prioritário para comprar, a começar pelo alimento. Não pode faltar alimento na casa. Isso vai orientando o comportamento da família que tem uma vida estável. O casal discute... Por exemplo, na minha casa: durante todo o tempo – 27 anos – em que fui operário, a gente nunca comprou uma coisa a prestação. Por que eu não comprava? Porque tinha medo de dívida. Preferia guardar o dinheirinho, um pouquinho por mês. Quando tivesse dinheiro, ia à loja e comprava uma televisão, se fosse para comprar, uma geladeira...

Até hoje, quando um filho meu pede um carro, eu falo: não vou comprar um carro. Primeiro, você tem que trabalhar e precisa juntar dinheiro para comprar o seu carro. É com essa filosofia que nós governamos o País, ou seja, o dinheiro não é nosso. Temos que cuidar do dinheiro com cuidado para que ele tenha sempre uma grande duração, para que possa ser investido nas



coisas prioritárias, e não ficar gastando dinheiro por conta de eleições, ficar gastando dinheiro em coisas que não sejam definitivamente prioritárias.

Essa é a lógica que eu aprendi no movimento sindical, essa é a lógica que eu aprendi em casa. Embora não seja economista, passei 30 anos da minha vida negociando, me reunindo com economistas, advogados, empresários, movimentos sociais. Eu fui aprendendo na prática, com meus companheiros, as coisas que eu achava que eram importantes fazer, e estamos colocando isso em prática no governo. Tem dado certo.

Eu tomei uma decisão na minha vida que acho que foi muito importante para o sucesso do governo. O mandato era só de quatro anos, eu não podia ficar quatro anos brigando com quem quer que seja, eu tinha que governar, foi para isso que fui eleito. Nestes seis anos eu não briguei com ninguém, mesmo quando tentaram brigar comigo. Não tem um ato meu em que eu esteja brigando com quem quer que seja, nem com outro país, nem com o Bush, nem com o Chávez, nem com a Cristina, nem com a China e muito menos com a minha oposição.

O papel da oposição é falar e fazer discurso. O papel da oposição é ver defeito na situação. Então, como o meu problema é trabalhar, eu tenho que trabalhar. Acho que isso tem dado certo, o governo tem uma equipe extraordinária, penso que agora, daqui para a frente, tudo, tudo...

Eu tinha medo do segundo mandato. A história do Brasil mostra que o segundo mandato nunca foi uma coisa excepcional para governador e para prefeito. Eu tinha medo do segundo mandato, foi por isso que nós criamos o PAC. Eu perguntava a mim mesmo: o que vamos fazer de novo no segundo mandato? Não dava para repetir as mesmas coisas do primeiro mandato. “Então, o que você vai fazer de novo?” Nós criamos o PAC. O PAC era para ser lançado em 2006, esperamos terminar as eleições para não confundi-lo com uma peça publicitária de campanha e o lançamos no dia 22 de janeiro de 2007. O PAC está nos dando trabalho para o segundo mandato.



**Jornalista:** Isso vai ser o desafio do segundo mandato? Quando o senhor entrou no poder o desafio era dar aos brasileiros comida três vezes por dia e parece que conseguiu fazer isso depois do primeiro mandato. O PAC é o sonho e o desafio do segundo, ou tem outro, qual vai ser o legado?

**Presidente:** Penso que o PAC é um grande desafio porque está permitindo não apenas que nós encontremos aquilo que é prioritário para o desenvolvimento do nosso país, no que diz respeito à infra-estrutura, mas também porque a partir do PAC a gente está planejando melhor o Brasil. Por exemplo, quando você ia ao governo de um estado ou a uma prefeitura e dizia que ia fazer uma obra importante em uma favela, não tinha projetos. Então, veja que coisa engraçada: você tem o dinheiro e muitas vezes não consegue fazer a obra porque não tem projeto. O PAC nos permitiu fazer com que o planejamento voltasse a acontecer no nosso país, para que a gente tenha uma prateleira de projetos para obras importantes que, quando se quiser fazer, vai fazer.

Vamos começar no próximo ano a construir duas grandes hidrelétricas no rio Madeira. Ainda no ano que vem vamos entrar com a licitação da hidrelétrica de Belo Monte, no estado do Pará. Decidimos voltar a construir usina nuclear – terminar Angra 3 e escolher lugares para fazer mais algumas. Estamos fazendo 4.700 quilômetros de ferrovias, estamos recuperando as estradas brasileiras e fazendo muitas outras estradas novas. Em março do próximo ano, nós vamos fazer licitação do trem-bala aqui no Brasil. Nas concessões que fizemos, com a metodologia que criamos, conseguimos fazer concessões em que o pedágio – que no governo passado era feito por R\$ 7 – caísse para R\$ 0,90.

As coisas estão acontecendo neste momento, acho que é um aprendizado para todo mundo e o PAC foi a mola propulsora para a gente se



motivar a fazer do País uma grande economia. Estou convencido de que nós próximos 10 anos o Brasil estará entre as seis maiores economias do mundo. Nós temos tudo para isso.

Agora, com a descoberta do petróleo, significa que estamos com nosso futuro um pouco mais garantido.

**Jornalista:** Mas quando falamos de seu legado, o mais importante será que o Brasil vai ser o primeiro país do hemisfério que tem um trem-bala ou que o senhor reduziu a desigualdade?

**Presidente:** Penso que as duas coisas juntas. Obviamente que, para mim, diminuir as desigualdades sociais era um sonho que está sendo transformado em realidade. Era um desejo de uma vida, que depois a gente percebeu que era possível fazer, contra as críticas de alguns que achavam que nós não deveríamos fazer política social.

Quando resolvemos pagar um salário mínimo para pessoas que são portadoras de deficiência física, que não podem trabalhar; quando resolvemos aumentar o benefício para as pessoas que nunca trabalharam; quando resolvemos criar o Bolsa Família, recebemos muita crítica. Alguns diziam: “É preciso fazer mais estradas, mais pontes, mais aeroportos, mais portos”. É preciso fazer, mas a prioridade é cuidar das pessoas. Tudo isso combinado com um forte investimento na educação. Do ponto de vista educacional, quando eu terminar o meu mandato, o Brasil será um outro país.

**Jornalista:** Em termos de educação?

**Presidente:** Em termos de educação. Vou dar um número para vocês: em 2003, tínhamos 113 mil novos estudantes que entravam na universidade por ano.





\_\_\_\_\_ : Universidade pública.

**Jornalista:** Quantos?

**Presidente:** Cento e treze mil novos estudantes a cada ano, nas escolas federais. Agora vamos para 227 mil, nas escolas federais. Encontramos 140 escolas técnicas profissionais e vamos fazer 214 escolas técnicas. Vamos sair de 140 para 354.

**Jornalista:** Mas a qualidade da educação primária e secundária é tão fraca, e as pessoas estudam tão poucas horas por dia e por tão poucos anos, que quando chegam a essa idade... É um desafio enorme aumentar esses primeiros passos, que não é trabalho do governo federal, que tem que fazer com os municípios e com os estados. Como pode enfrentar esse problema?

**Presidente:** Vou dar um exemplo para você: nós saímos de um investimento na educação de R\$ 20 bilhões para R\$ 48 bilhões.

**Jornalista:** Isso para as universidades, para a Federal?

**Presidente:** Para as universidades e para a política de transferência de receita que o governo faz para municípios e estados. Aumentamos de oito para nove anos o tempo de permanência das crianças no ensino fundamental. Fizemos laboratório de informática em todas as escolas técnicas deste país. A partir deste ano, até 2010, todas as escolas públicas urbanas terão internet banda larga. Aprovamos o Fundeb, aprovamos o Proeb.

No fundo, no fundo, estamos fazendo uma revolução na educação. Vou dar um exemplo para vocês: quando resolvi fazer a Olimpíada de Matemática



aqui no Brasil, me parece que os Estados Unidos tinham por volta de 9 milhões de pessoas que participavam da Olimpíada de Matemática.

**Jornalista:** Matemática nos Estados Unidos é horrível hoje.

**Presidente:** Parece que tinham nove. Pois bem, da nossa Olimpíada, hoje, participam 17 milhões de adolescentes, é a maior olimpíada do mundo. Diziam que as pessoas não gostariam de participar. Elas participam. Agora estamos fazendo Olimpíada de Português e pretendemos fazer outras olimpíadas, como uma coisa motivadora para as crianças estudarem.

Criamos a Universidade Aberta para formar professores, porque também queremos melhorar a qualidade do ensino, porque é fundamental para que o Brasil tenha bons profissionais num futuro muito próximo. Então, é preciso recuperar os professores, reciclá-los e, por isso, criamos a Universidade Aberta, que vai poder atender todos os professores que queiram se preparar melhor.

**Jornalista:** Voltando atrás um pouquinho: o senhor falou que o Brasil, daqui a 10 anos, 20 anos mais, será a sexta maior economia do mundo. Hoje em dia Brasil é líder em carne, aço, suco de laranja, soja e etc. Como o Brasil vai exercer esse poder econômico que tem?

**Presidente:** Carne, mas também aviões.

**Jornalista:** Tem um monte de coisas, só citei algumas.

**Presidente:** Repete a pergunta para mim, por favor.



**Jornalista:** O Brasil está cada vez mais importante, está liderando com essas coisas que hoje em dia é preciso, todos os países precisam, como carne, aço, soja e etc. Como o Brasil deve exercer esse poder econômico?

**Presidente:** O Brasil só vai exercer esse poder econômico crescendo a economia. Vou lhe dar mais um exemplo importante do que foi o Brasil: o Brasil ficou 18 anos sem construir uma fábrica de cimento, ficou 22 anos sem construir um alto-forno. Agora estamos fazendo quatro novas siderúrgicas no Brasil, estamos fazendo 10 novas fábricas de cimento grandes e mais um monte delas pequenas. Por quê? Porque o Brasil ficou atrofiado durante 20 anos. Quando ele começa a crescer, o que percebemos? Que se começa a colocar em risco o fato de ter uma demanda forte e não ter oferta. A inflação começa a voltar, é sempre assim no mundo inteiro. Temos que aumentar a oferta rapidamente.

Acontece que, enquanto se está construindo novas fábricas, no primeiro momento estas fábricas são demanda, por exemplo, de compra de materiais. Daqui a um ano e meio, será oferta. Por isso eu acho que o Brasil estará totalmente preparado para ser uma grande economia dentro de dez ou quinze anos.

**Jornalista:** Como o senhor define o seu modelo? Muitos falam, hoje em dia, de terceira via. Como o senhor define seu modelo de desenvolvimento?

**Presidente:** Eu não tenho uma definição precisa de um modelo que possa servir de tese acadêmica. O nosso modelo de desenvolvimento é baseado no fortalecimento do mercado interno, na recuperação da pequena e média indústria brasileira, na diversificação do nosso mercado externo e em uma política de crédito muito forte. A partir daí, os teóricos vão desenvolver suas teses, vamos ver o que eles vão dizer.



**Jornalista:** Podemos dizer que é terceira via?

**Presidente:** Não.

**Jornalista:** O que o senhor gosta?

**Presidente:** Não é que eu não goste, é que já se tentou criar a terceira via em muitos lugares do mundo e não deu certo. Eu prefiro que meu modelo de desenvolvimento seja assim: nós estamos fazendo as coisas certas, apenas aquilo que precisa ser feito corretamente.

Lembro-me de uma vez que tive uma reunião em Trípoli, na Líbia, com o Mandela, o Arafat, o Kadafi e o Daniel Ortega. Naquela ocasião, o Kadafi propôs que era preciso criar a quinta internacional. Eu falei: Kadafi, pelo amor de Deus, não deu certo a primeira, não deu certo a segunda, no Brasil temos problemas sérios com a terceira e quarta, você quer propor a quinta? Esquece isso.

Eu penso que a gente não deve ficar procurando uma nomenclatura para o que está acontecendo no Brasil. Apenas confirmar que estamos fazendo as coisas que precisam ser feitas no Brasil. O Brasil precisa de crédito, vamos colocar crédito; o Brasil precisa de distribuição de renda, vamos distribuir renda; o Brasil precisa de infra-estrutura, vamos fazer infra-estrutura. Penso que é isso que conta, na verdade, é permitir que os ricos ganhem seu dinheiro, fazendo investimentos, mas permitir que os pobres tenham participação, também, nesse crescimento econômico.

**Jornalista:** Qual é o papel do Brasil, hoje em dia, no mundo?

**Presidente:** Deixe-me dizer-lhe uma coisa: nós estamos vivendo neste momento, no Brasil, o mais longo período de democracia de toda a história do



Brasil. Este país fez o *impeachment* de um presidente e não teve nenhuma turbulência. Nós tivemos uma crise profunda em 2005 e não aconteceu nada. Por quê? Porque o País se democratizou, as instituições funcionam e os governantes precisam apenas ter paciência e permitir que as coisas aconteçam.

No dia 25 de janeiro de 2003, eu fui a Davos. Na volta, eu dizia para o meu ministro Celso Amorim que era preciso mudar um pouco a geografia política e comercial do mundo. A gente só iria fazer essas mudanças se entrássemos no debate. Com essa decisão, nos voltamos um pouco para a América do Sul. Só para você ter idéia, em 2003 o nosso fluxo comercial com a Argentina era de US\$ 9 bilhões. Hoje é de US\$ 33 bilhões. Apenas o exemplo da Argentina: o fluxo comercial do Mercosul tem crescido, com a América do Sul tem crescido, com a América Latina tem crescido. Então nós consolidamos, fiz 19 viagens para a África. Tenho dito aos meus empresários, tanto aqui no Brasil, quanto ao presidente Bush e a outros presidentes, que é importante que a gente comece a olhar para a África com muito carinho. Se a gente quiser democracia no continente africano é preciso dar de comer àquela gente. E dar de comer significa produzir. O biodiesel para mim é irreversível, os biocombustíveis. Muitos países ricos não têm mais nada para plantar. Onde estão essas áreas? Na América Latina e no continente africano. É apenas bom senso perceber que se não cuidarmos do continente africano, daqui a 30 anos eles serão 1 bilhão e 300 milhões, e aí não há oceano Atlântico que segure os africanos que queiram migrar para outros países.

Vamos ajudar a África a se desenvolver enquanto é tempo, fazendo investimentos. Tenho proposto para vários países: vamos fazer acordos entre um, entre dois ou mais países, para a gente fazer projetos de investimento na África. Disse ao presidente dos Estados Unidos por duas vezes: é necessário que os Estados Unidos tenham uma visão desenvolvimentista para a América Central, não é prudente ser muito rico, cercado de tanta gente pobre. Para



vocês terem uma noção, na hora em que os países da América Latina se desenvolverem, eles vão comprar muitos produtos dos Estados Unidos. Para isso, eles têm que ter desenvolvimento, têm que ter renda. Quem pode ajudá-los são as economias mais fortes.

Espero que o próximo presidente americano tenha compreensão de que na América Latina nós estamos em paz. Com o fim da Guerra Fria, com o fim da luta armada, só tem duas coisas que podem garantir o desenvolvimento: democracia e paz. Para essas duas coisas se manterem é preciso que haja investimentos.

**Jornalista:** O que espera do próximo presidente americano, em relação ao Brasil?

**Presidente:** Espero, na relação com o Brasil... temos uma boa relação com os Estados Unidos, aliás uma relação histórica. Acho que uma das deficiências da nossa relação é muito menos dos Estados Unidos e mais da elite brasileira, que era subserviente. Como não acredito que um interlocutor respeite um outro interlocutor que não se respeita... ou seja, só posso te respeitar se você se respeitar. Então temos uma relação sadia com os Estados Unidos, franca, e penso que só tende a melhorar. Até porque, do ponto de vista populacional, do ponto de vista do desenvolvimento científico e tecnológico, para qualquer coisa que os Estados Unidos pensarem o Brasil é o parceiro mais importante do continente sul-americano.

**Jornalista:** O Brasil vai continuar sendo um bom interlocutor lá na região?

**Presidente:** Sempre que necessário. É preciso apenas ter compreensão de que a nossa democracia é muito incipiente. Não faz muito tempo este país aqui estava sob regime autoritário, o Chile sob autoritarismo, a Argentina, vários



países aqui estiveram subordinados a regimes autoritários. A nossa democracia é muito nova. Então, o que nós – e o Brasil tem um papel importante nisso – podemos fazer é contribuir para que a democracia seja fortalecida em todos os países. A democracia é condição fundamental para que se possa governar bem um país.

Mas, voltando à pergunta anterior, falei do comércio, mas uma outra coisa que fez com que o Brasil passasse a ser visto no mundo como um país que sabe o que quer foi a Rodada de Doha. Quando nós, em Cancún, propusemos a criação do G-20, aquilo permitiu que a Rodada de Doha já não fosse apenas uma coisa feita pelos americanos e pelos europeus. Não havia como não saber que tinha China de um lado, que tinha Índia, que tinha Brasil, que tinha México, que tinha Argentina, era preciso levar em conta. E acho que isso foi levado em conta.

Uma outra coisa é o debate sobre a democratização do Conselho de Segurança da ONU. Não é possível que a ONU continue sendo administrada da mesma forma que foi administrada, quando criada.

**Jornalista:** Por que é difícil ser interlocutor entre duas personalidades como George W. Bush e Hugo Chávez?

**Presidente:** Eu diria que não é difícil. Uma vez, eu brincava com o Bush e brincava com o Chávez, dizendo o seguinte: é muito estranha a briga dos Estados Unidos... do Bush com o Chávez, porque o Chávez tem 14 refinarias dentro dos Estados Unidos, e exporta 85% do seu petróleo para os Estados Unidos. Nessa briga, eu brincava com eles: o Chávez poderia parar de fornecer petróleo aos Estados Unidos, ou os Estados Unidos poderiam falar “não quero mais o petróleo do Chávez”. Entretanto, os dois são tão dependentes que não podem abrir mão dessa boa relação.



Ainda acredito que com o novo governo, com mais abertura política, com uma mente mais voltada para uma América Latina produtiva, acho que os Estados Unidos ainda vão ter uma boa relação com a Venezuela, e a Venezuela vai ter uma boa relação com os Estados Unidos. Acho que essa animosidade entre Chávez e Bush necessariamente não tem que continuar com o outro governo americano, quem quer que seja.

Agora, para isso o governo americano precisa... Todos nós, que somos mais fortes, temos que ser mais tolerantes. Não tem jeito. O Cassius Clay, quando derrotava o seu adversário, não era o adversário caído que ia abraçá-lo, era ele quem ia lá abraçar quem ele tinha nocauteado. Então, na relação entre países, os mais fortes precisam ser mais tolerantes na relação com outros países. Às vezes compreender até discursos que não gostamos, mas que fazem parte da sobrevivência política de cada um, dentro do seu país.

**Jornalista:** O senhor acha que o seu estilo, que é um modelo mais de unir do que separar, dividir, é um modelo para ser seguido? Porque na América Latina, recentemente, isso não aconteceu.

**Presidente:** Mas as pessoas vão aprendendo. É importante saber o seguinte: eu trouxe para a Presidência do Brasil uma experiência de mais de 20 anos do movimento sindical. Trouxe para meu governo a experiência de três derrotas para presidente. Trouxe para meu governo a experiência de uma relação social de quase 30 anos. E por isso me considero um negociador. Prefiro um bom acordo do que uma disputa verbal pela imprensa, que não leva a nada.

Ninguém quer guerra hoje. Hoje, aqui na América Latina, todos pensamos em paz, a guerra não traz benefício nenhum. Então, se queremos paz e democracia, precisamos ter tolerância, negociar mais. Se não deu certo na primeira conversa, vamos fazer uma segunda, uma terceira conversa. E não vamos permitir que uma disputa política feita pela imprensa... pode trazer





benefício eleitoral para mim, pode trazer benefício eleitoral para outro, mas no fundo, no fundo, ao longo do tempo, isso é um problema.

Vamos ser francos: foi muito mais fácil derrotar o Iraque com a guerra eletrônica do que ocupar o Iraque com seres humanos. Esse é um dado... Ninguém pode negar que o presidente Bush teve uma extraordinária votação, na reeleição dele, por conta da guerra do Iraque. E que essa mesma euforia que levou o povo americano a dar o segundo mandato a ele não é demonstrada hoje, porque a guerra do Iraque passou a ser um problema muito difícil, porque a solução não se apresentou com a facilidade que muitas vezes, no papel, a gente acha que vai se apresentar.

Aqui, por exemplo, no nosso continente. Quando o Evo Morales assumiu o governo e começou a rivalizar muito com o Brasil sobre a questão do petróleo, tinha muita gente no Brasil que queria que eu fosse muito duro com o Evo Morales. E eu dizia: não, ele tem direito, o gás é deles. Se o gás é deles, por que eu vou brigar com o Evo Morales? Nós vamos ter que criar as condições para fazer um outro acordo em que o Brasil continue comprando gás, mas eu compreendo o discurso dele, afinal de contas é um país muito pobre, e assim vale para outros países. Minha mãe dizia: “quando um não quer, dois não brigam”. Então, eu prefiro sempre o caminho de uma boa conversa, de um bom acordo, acho mais frutífero para todo mundo.

**Jornalista:** A qualidade da diplomacia brasileira é muito bem reconhecida pelo mundo. Agora que o poder político do Brasil cresceu bastante também, como o Brasil aspira a usar essa qualidade no mundo, especialmente agora que o mundo precisa de multilateralismo?

**Presidente:** O Brasil acredita muito no multilateralismo. Acreditamos muito, tanto é que estamos propondo mudanças na ONU, tanto é que criamos o G20... O Brasil tem se empenhado muito para que a gente possa concluir a



Rodada de Doha. Depois da última reunião, eu já falei com o presidente Bush, já falei com o Hu Jintao, já falei com o primeiro-ministro Singh, já falei com o Gordon Brown, para ver se a gente retoma as negociações. Sempre me coloco a disposição deles.

Eu vou a qualquer lugar do mundo, faz dois anos que estou propondo que a decisão da Rodada de Doha precisava sair das mãos dos técnicos e passar para as mãos dos dirigentes políticos. É fazer uma reunião entre os presidentes e primeiros-ministros e decidir. Enquanto ficar nas mãos dos técnicos, nós vamos ter mais problemas. Eu ainda estou empenhado em fazer com que ela aconteça, por isso o Brasil tem brigado muito para que sejam muito respeitadas as decisões multilaterais. É a melhor forma para se manter o mundo em paz e para manter o mundo em democracia: que as instituições multilaterais funcionem corretamente e sejam respeitadas.

**Jornalista:** Voltando ao Brasil, quais são suas decepções nestes seis anos de poder? O que não queria ter feito? Está desapontado com o quê?

**Presidente:** Eu ainda não tenho tempo para ter decepções. Quando as pessoas perguntam para mim... Eu prefiro avaliar meu governo quando terminar o mandato. Quando terminar o mandato, vou avaliar o governo e posso dizer para vocês: estou decepcionado com isso que não pude concluir e estou orgulhoso daquilo que pudemos fazer.

Governar é cumprir um projeto, é atingir uma meta. Eu quero atingir a meta a que me propus, de melhorar este país. Acho que as coisas estão dando certo. Certamente, tem coisas que não aconteceram e que poderão não acontecer, mas coisas que independem da vontade do governo. Por exemplo, uma das minhas decepções foi a CPMF. Vocês, como jornalistas bem informados, podem procurar no Brasil para ver se vocês acham alguma empresa que reduziu a taxa da CPMF nos produtos que vende neste país. Era



um imposto que poucos brasileiros pagavam, era um imposto com o qual queríamos fazer uma revolução na saúde, e na medida em que ele caiu fomos obrigados a atrasar um pouco os novos programas que queríamos lançar para a área da saúde. Mas vamos lançar ainda e já começamos agora, com médicos nas escolas.

**Jornalista:** Mas o senhor acha que reformou a política brasileira suficientemente, especialmente a respeito de problemas como a corrupção no Brasil?

**Presidente:** Isso não é uma coisa simples de fazer. O que estamos fazendo é que nunca este país se dotou de tantos mecanismos de combate à corrupção como tem hoje. Hoje nós temos uma Polícia Federal infinitamente mais preparada, com mais inteligência, mais profissionais. Temos a CGU, que é a Controladoria-Geral da União, que é uma coisa do governo, que tem fiscalizado todas as prefeituras, e quando ela encontra indício de desvio entrega para a Polícia Federal ou para o Ministério Público. Criamos o Coaf, por exemplo, para pegar crime organizado, lavagem de dinheiro.

As instituições estão funcionando e, portanto, as pessoas que querem praticar corrupção que se precavenham porque, mais dia, menos dia, serão pegas. Antigamente não aparecia a corrupção porque também não se combatia a corrupção. Agora, se você analisar, em quase todos os processos de corrupção, a investigação é determinação do governo, parte dos Ministérios, parte da Controladoria-Geral da União, porque nós queremos... Não é uma coisa fácil de terminar, existe no mundo inteiro, mas o que queremos é que este país seja dotado de um forte poder de combate à corrupção. Se as pessoas quiserem fazer, saibam que vão ser pegas e, se forem pegas, serão punidas.



Agora, qual é uma fragilidade nossa? Não conseguimos fazer reforma política ainda. Acho que grande parte dos problemas que temos no Brasil, ainda, é a questão da reforma política. Mandamos agora sugestões para o presidente da Câmara e para o presidente do Senado, porque não é o presidente da República quem deve propor a reforma política, a reforma política tem que ser proposta pelos partidos e pelo Congresso Nacional. Mas como eles estão demorando muito, mandamos umas sugestões daquilo que pensamos que precisa ser feito para melhorar a política brasileira, fortalecer os partidos.

Eu acho que a organização partidária e o jeito que funciona a política tem muito a ver com casos de corrupção no País. Nós, por exemplo, queremos que o financiamento seja público e que seja proibido o financiamento privado (de campanhas).

**Jornalista:** Uma das críticas que ouço das pessoas, quando falo com elas, é que queriam, tinham muita esperança, que este fosse um governo, pela história que tem... deveria ser um governo em que as coisas seriam diferentes, que ia ter menos escândalos, tipo o “mensalão”. E elas estão decepcionadas por não ser assim. Não sei se me expliquei bem.

**Presidente:** Acho que você se explicou, mas, eu vou dizer para você... Primeiro, é preciso diferenciar o que é um escândalo do que é realidade. A gente precisa saber fazer essa diferenciação, porque nem todo escândalo termina em corrupção, esse é um dado extremamente importante. No Brasil, temos o hábito de condenar as pessoas primeiro, pela imprensa, e não temos o hábito de pedir desculpas quando elas são inocentadas.

Se eu quisesse pegar o caso do “mensalão” para mostrar para você uma coisa extraordinária que aconteceu, do ponto de vista de uma análise política, passados três anos. O cidadão que fez a denúncia do “mensalão” foi cassado



por falta de provas. Em qualquer país do mundo, se você faz uma acusação e não prova, o acusado está absolvido automaticamente, não é isso? Pois bem, no Brasil cassaram o acusador por falta de provas e cassaram mais 40, depois.

**Jornalista:** Mesmo assim, tudo o que aconteceu nessa época, eu tinha a impressão de que muitas pessoas queriam um novo estilo de agir. Eu não sei me explicar bem em português, mas muitas pessoas ficaram decepcionadas.

**Presidente:** Fale em inglês, que ele traduz para mim.

**Jornalista:** Muitas pessoas ficaram decepcionadas, talvez pela história que o senhor tinha, ou o PT tinha, o nível era mais alto.

**Presidente:** É que essas coisas só podem acontecer em um regime democrático. Em um regime autoritário, essas denúncias não apareceriam e nem aconteceriam. Todos os ministros que precisaram ser afastados foram afastados, todos os funcionários que precisaram ser afastados foram afastados. É esse o papel do governo. O governo não prende e não pune, quem prende é a polícia e quem pune é a Justiça. O que nós precisamos garantir é que haja total transparência nas investigações. E isso, ninguém pode acusar o meu governo de ausência de transparência e de ausência de investigação.

Aliás, se historicamente todos os governantes tivessem procedido como nós procedemos, certamente não teria dado tanta coisa errada, no que diz respeito à corrupção, que não é culpa de um governo, de um homem, é culpa de uma estrutura que é secular, e que estamos tentando desmontar com forte aparato de investigação.

**Jornalista:** Presidente, também temos que perguntar pelo pré-sal. Quantos



barris tem, na realidade? Como pretende tirar óleo dessas profundidades? Dessas profundidades extraordinárias será difícil? Quantos barris realmente tem?

**Presidente:** Nós ainda não temos uma certificação total da quantidade de barris que existem na área do pré-sal.

**Jornalista:** Pode chutar.

**Presidente:** Não vou chutar porque depois você vai dizer: “O presidente Lula disse que tinha...” Eu só posso garantir para vocês que é muito. Só posso garantir para vocês que o Brasil ficará entre os grandes produtores de petróleo e gás do mundo.

Agora, em março do próximo ano, já iremos começar a fazer a exploração experimental do poço de Tupi. Ali vamos perfurar, começar a explorar entre 15 a 20 mil barris, ficar um tempo explorando para ver o que vai acontecer, fazer os ajustes que precisamos fazer para que a gente possa, quem sabe, no final do ano, começar a exploração já definitiva do poço...

**Jornalista:** Será difícil manejar tanto petróleo, especialmente essa nova companhia que o senhor quer...

**Presidente:** Não existe nova companhia. Se alguém disser que já tem alguma coisa definida, estará mentindo para vocês. O que existe é o mercado futuro de especulação.

Eu criei, por decreto, um grupo interministerial. Esse grupo está produzindo uma proposta para mim, vai me apresentar essa proposta no dia 19 de setembro, ou um dia a mais, um dia a menos. A partir daí, pretendo fazer um debate com a sociedade brasileira sobre o que nós vamos fazer. Eu só



disse a eles que tem algumas coisas de que não abro mão: primeiro, não seremos exportadores de petróleo cru, quero exportar derivados, porque acho que vale mais e desenvolveremos mais o Brasil. Segundo, nós vamos fazer disso o fortalecimento da indústria de petróleo no Brasil, da indústria naval e da indústria petroquímica. Depois, uma parte dos recursos do pré-sal será destinada prioritariamente para a educação e para o combate à pobreza. São só essas definições que tenho. Agora, o que a gente vai fazer depois, só a partir deste mês, quando eu tiver recebido o estudo que pedi, é que vamos tomar uma decisão.

**Jornalista:** Vai ser um fundo especial para a educação?

**Presidente:** Não sei qual é o critério, não quero adiantar. Pode ser um fundo ou pode não ser. O dado concreto é que nós precisamos pagar a dívida com a educação e pagar a dívida com o pobre, porque se a gente não pensar assim e esse dinheiro entrar no cofre do Estado, normalmente... da União, dos estados e das prefeituras, vamos torrar esse dinheiro sem priorizar alguma coisa. Eu acho que temos uma dívida histórica com a educação. Na hora que a gente investir em educação, a gente vai transformar o pré-sal em uma coisa perene, em uma coisa definitiva, porque o petróleo acaba um dia, mas se com o resultado do petróleo você formou um homem e uma mulher, significa que o País ganhou para sempre.

**Jornalista:** Muito obrigado.

**Presidente:** É a primeira vez que a gente faz uma entrevista (inaudível)

**Jornalista:** O senhor é jovem, quer ser presidente outra vez, algum dia?



**Presidente:** Não, não vamos...

**Jornalista:** Não estou falando de daqui a dois anos, estou falando em ter um descanso e, depois de quatro anos, voltar.

**Presidente:** Na verdade, essas teorias não existem. Ouço muito as pessoas falarem, uns falam em terceiro mandato, outros falam que tenho que eleger meu sucessor e voltar depois. Na política não é assim. A coisa na política não funciona assim. Primeiro, quero trabalhar para terminar o meu mandato. Segundo, quero trabalhar para eleger um sucessor que dê seqüência a tudo que estamos fazendo. Imagine, se esse sucessor estiver bem, porque eu haveria de voltar e não ele se reeleger? Se você é candidato à Presidência da República, se elege, eu te elejo, e depois você percebe que eu já estou na rua sendo candidato para quatro anos depois, você, que era meu amigo (inaudível), vai virar meu inimigo.

Então, ex-presidente tem que ficar quieto e tem que viver da glória de ter sido presidente. Acho que esse é o papel do ex-presidente: só dar conselho quando alguém pedir e, mesmo quando alguém pedir, precisa pensar corretamente no tipo de conselho, porque ex-presidente não pode se dar ao luxo de ficar julgando quem está no governo.

**Jornalista:** Se o senhor tivesse que escolher seu sucessor, quem seria?

**Presidente:** Na verdade, já tenho a pessoa que penso que deve ser.

**Jornalista:** Qual o nome dessa pessoa?

**Presidente:** Tem muita especulação na imprensa. Ainda não anunciei nada. A única coisa que posso dizer para você é que quero eleger alguém





comprometido com o programa que estamos colocando em prática no Brasil. Vou trabalhar muito para isso. Digo sempre que pode até ser uma mulher. Pode ser um homem, pode ser uma mulher. É que preciso escolher no momento certo, porque acho que temos chance de fazer a sucessão.

**Jornalista:** Mas a pessoa vai ser do PT?

**Presidente:** Pode ser. Temos uma base muito ampla. Temos vários partidos que apóiam. Espero que a gente construa uma base política, um candidato da nossa base política, que tenha o apoio de todos os partidos que estão conosco. Não é fácil eleger sucessor, é sempre muito complicado. Mas vou trabalhar muito para eleger meu sucessor.

**Jornalista:** Muito obrigado. Muito gentil, senhor Presidente.

(\$31DHJMP)